

O USO DO PRONOME *NÓS* E DA VARIANTE *A GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO ENTRE OS FALANTES NÃO ESCOLARIZADOS DO ALTO SERTÃO ALAGOANO

Layane Firmino Silva¹
Mestranda em Linguística – UFAL

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória²
Doutora em Linguística – UFAL

RESUMO

Esta pesquisa analisa o uso do pronome *nós* e da variante *a gente* na posição de sujeito entre os falantes não escolarizados do alto sertão alagoano. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e ao banco de dados do projeto *Lusa (A Língua Usada no Sertão Alagoano)* e utilizamos o programa GoldVarb X para a análise estatística dos dados. Conforme os resultados, obtivemos um percentual de realizações de 22% para o pronome *nós* e 78% de realizações do pronome *a gente*, sendo esta variação condicionada pelas variáveis: preenchimento do sujeito e concordância verbal. Desse modo, os resultados confirmam as presunções de que a variante *a gente* seria o pronome mais utilizado pelos falantes.

Palavras-chave: Sociolinguística. Pronomes *nós* e *a gente*. Variação. Variante.

Considerações iniciais

A palavra *gente* teve origem no substantivo feminino latino *gens gentis*, no qual era utilizado para representar o coletivo. Na atualidade, o termo *gente*, antecedido de artigo definido feminino *a*, é utilizado como pronome variante da primeira pessoa do plural. Mesmo essa forma pronominal ainda não sendo nomeada pela gramática normativa como pronome de primeira pessoa do plural, não podemos negar que sua forma pronominal é usada pelos falantes. Assim, desde o século XVI ao início do século XIX, já surgia na fala dos indivíduos realizações de *a gente*, mas com menos frequência comparando-se aos dados atuais (NASCIMENTO, 2013).

Assim, considerando que existem variações linguísticas em relação às normas impostas pelas gramáticas e o uso real da língua, e que as variações linguísticas não são consideradas como aleatórias, mas sim condicionadas por fatores linguísticos e fatores sociais, buscamos analisar, neste estudo, o comportamento das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala dos sujeitos não escolarizados do alto sertão alagoano. Para tanto, recorremos à Sociolinguística laboviana, já que trabalhamos com certa quantidade de dados da língua falada

¹ Endereço eletrônico: layanefirmino@hotmail.com

² Endereço eletrônico: elyne.vitorio@gmail.com

e procuramos analisar as restrições linguísticas e sociais que condicionam os usos dos pronomes analisados na comunidade de fala do sertão de Alagoas, um território localizado na região Nordeste do Brasil, composto por 8 municípios: Inhapi, Canapi, Mata Grande, Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas.

Dessa forma, para que pudéssemos compreender como acontece a realização da variação de primeira pessoa do plural, realizamos uma análise quantitativa com o propósito de responder às seguintes questões: **I)** Há variação *nós* e *a gente* na fala de informantes não escolarizados do alto sertão de Alagoas? **II)** Há a interferência de grupos de fatores linguísticos e sociais como concordância verbal, expressão do sujeito, paralelismo formal, sexo/gênero e faixa etária? **III)** Considerando a existência de variação dos pronomes *nós* e *a gente*, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou de outra forma pronominal na comunidade estudada? **IV)** Credo que exista a ocorrência da variação no *corpus* em estudo, tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

Como respostas provisórias às questões formuladas, propomos as seguintes hipóteses: Sendo a língua considerada um fenômeno heterogêneo e dinâmico, podemos dizer que, de fato, existe a variação *nós* e *a gente* na fala dos informantes não escolarizados do alto sertão de Alagoas. Outrossim, podemos inferir que há interferências de variáveis linguísticas e sociais quanto ao uso da variante *a gente*, pois a tendência quanto ao uso dessa variante é ampliada em alguns contextos, visto que a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por restrições linguísticas e sociais, e que essas restrições podem afetar a língua. Desse modo, pressupomos que a variação é condicionada por grupos de fatores linguísticos.

Assim, com a intenção de confirmar ou até mesmo contestar as hipóteses levantadas, buscamos analisar se existe variação dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra estudada, averiguando a frequência de uso desses pronomes na comunidade pesquisada, para que, assim, seja possível descrever os fatores linguísticos e sociais que possivelmente condicionam as realizações dessa variação na fala dos informantes não escolarizados do alto sertão.

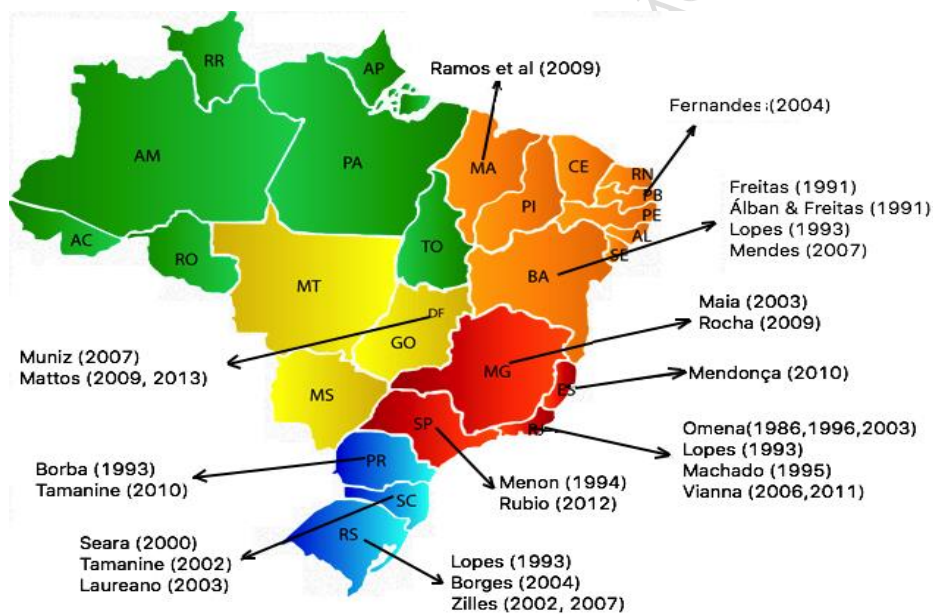
Dito isso, apresentamos, na primeira seção, a “variação de 1ª pessoa do plural no PB”, o comportamento variável dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro (PB). Destacamos, na seção “Aporte teórico-metodológico”, os aspectos concernentes aos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa. Na seção “Descrição e análise dos dados”, analisamos os resultados obtidos. Por fim, nas “Considerações finais”, encerramos as discussões levantadas acerca da realização de *nós* e *a gente* entre os falantes não escolarizados do alto Sertão alagoano.

A variação de 1ª pessoa do plural no PB

No que diz respeito aos estudos sociolinguísticos, de um modo geral, as pesquisas apontam que o fenômeno de variação *nós* e *a gente* presente na variedade brasileira pode ser definido como um processo de mudança linguística. Com isso, é possível observar que a forma inovadora *a gente* vem ocupando cada vez mais o lugar da forma mais antiga *nós*.

Vianna e Lopes (2015) ressaltam que para falar a respeito da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no Brasil, faz-se necessário, antes de tudo, organizar um levantamento de todos os trabalhos desenvolvidos no país em diferentes grupos de pesquisas. Tendo em vista que nem todas as áreas do país foram investigadas, traremos algumas considerações a respeito de alguns dos estados das diferentes regiões que foram investigadas pelos pesquisadores. Para tanto, as autoras nos apresentam o mapa ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Mapeamento da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito



Fonte: Extraída de Vianna e Lopes (2015, p. 110).

De acordo com o mapeamento da variação *nós* e *a gente*, verificamos que há estudos sociolinguísticos a respeito da variação *nós* e *a gente* na posição e sujeito nos estados do Maranhão, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás (RAMOS, 2009; FERNANDES, 2004; FREITAS, 1991; ÁLBAN & FREITAS, 1991; LOPES, 1993; MENDES, 2007; MAIA, 2003; ROCHA, 2009; MENDOÇA, 2010; OMENA, 1986, 1996, 2003; LOPES, 1993; MACHADO, 1995; VIANNA, 2006, 2011; MENON, 1994 e RUBIO 2012; LOPES, 1993; BORGES, 2004; ZILLES, 2002,

2007; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002; LAUREANO, 2003; BORBA, 1993; TAMANINE, 2010; MUNIZ, 2007 e MATOS, 2009, 2013).

A descrição da variação *nós* e *a gente* iniciou na região sudeste, especificamente na capital do Rio de Janeiro, com o trabalho pioneiro de Omena (1986). Para tal, buscou-se analisar a fala dos informantes cariocas tendo por base amostras do banco de dados do projeto de pesquisa *Censo*. Partindo da investigação e análise dos dados, “foram localizadas 1.979 ocorrências de “a gente” em posição de sujeito, em um total de 2.701 dados registrando a frequência de 73% na fala carioca” (OMENA, 1986; 1996 p. 111 apud VIANNA; LOPES, 2015, p. 111).

Após obter esses números, Omena (1986; 1996) procurou verificar quais os verdadeiros motivos que influenciavam o falante carioca a optar pela forma inovadora em vez do pronome padrão. Nesse sentido, a autora buscou avaliar e desvendar os condicionadores linguísticos estruturais e, conseqüentemente, as características sociais da comunidade de fala sobre determinada escolha.

Neste viés, os resultados apontaram uma maior relevância da ação do paralelismo formal e semântico, no que se refere à alternância das formas. Com isso, notou-se que o uso do pronome inovador *a gente* é preferencial cada vez que a sequência discursiva é mediada por *a gente*. Outro fator observado foram as formas verbais, visto que, enquanto as formas menos marcadas favorecem o emprego da forma inovadora *a gente*, as formas mais marcadas motivam o emprego da forma padrão *nós*.

No que se refere aos grupos sociais, as pesquisas apontam que a faixa etária foi considerada como significativa no sentido de incentivar a escolha por uma forma ou por outra. Assim, percebemos que a forma inovadora *a gente* é bastante recorrente na faixa etária mais jovem, enquanto a forma padrão *nós* era mais utilizada pela faixa etária adulta e idosa.

Após alguns anos da primeira pesquisa realizada no Rio de Janeiro, Omena (2003) faz mais algumas investigações, coletando novas amostras do banco de dados *Censo*, confrontando-as com o resultado anterior para observar se havia relativa estabilidade no uso da variante, ou se havia sofrido alguma alteração nesse intervalo de tempo.

Percebemos, assim, que se mantém a preferência pelo uso da forma *a gente* na posição de sujeito e que permanece praticamente a mesma frequência de uso quanto à forma inovadora para as décadas de 1980 e 2000. Notamos também que “os resultados aferidos pareciam indicar que os indivíduos tendiam a mudar seu comportamento linguístico quando passavam de uma faixa etária a outra, adquirindo a forma padrão, mais antiga, e usando-a com mais frequência”

(VIANNA; LOPES, 2015, p. 113). As autoras ainda acrescentam que, com relação aos indivíduos mais jovens, mantêm-se os hábitos linguísticos independentemente do tempo e do grupo etário que o indivíduo está inserido.

No que se refere ao sexo, notamos que os homens optam pela utilização da forma padrão, enquanto as mulheres privilegiam o emprego da forma inovadora.

Com relação aos falantes cultos e não cultos, foi notado que os falantes cultos mantiveram um comportamento instável durante uma década para outra, já os falantes não cultos mantiveram uma certa estabilidade durante esse período. Assim, é possível dizer que, ao analisar a comunidade nesse intervalo de tempo, notou-se um aumento difundido de *a gente*, tanto nos contextos de referência determinada como também de referência indeterminada.

Tal comportamento foi observado entre falantes não cultos, reiterando a instabilidade da comunidade de uma década para outra e, principalmente, a generalização de “a gente” para todos os contextos, inclusive os de “nós”, como forma quase obrigatória. (VIANNA; LOPES, 2015, p. 115).

Diante de tal constatação, na região Nordeste, foram realizados estudos em três estados, iniciando no interior baiano, na cidade de Santo Antônio de Jesus. O estudo foi baseado no português popular do interior do estado, constituído de um corpus com 24 entrevistas coletadas na zona rural do município. De modo geral, como já era de se esperar, a forma inovadora *a gente* para a primeira pessoa do plural é preferível, ocorrendo em 93% dos casos.

Foi notado também que “o uso de *a gente* é mais produtivo na fala de indivíduos que já residiram fora, enquanto o *nós* é a estratégia preferencial entre os indivíduos que sempre permaneceram no município (VIANNA; LOPES, 2015, p. 119). Contudo, pode-se dizer que, no município de Santo Antônio de Jesus, a forma inovadora *a gente* é a mais utilizada e vem ganhando cada vez mais espaço, justamente devido os falantes que têm contato com outros centros urbanos e outros meios de comunicação, o que influencia a sua comunidade de fala.

Levando em consideração que foram desenvolvidos estudos em outras cidades e outros Estados da região Nordeste, de modo geral, pudemos perceber que as pesquisas realizadas nas cidades de Salvador, São Luiz do Maranhão e João pessoa comungam do mesmo resultado, tendo o pronome variante *a gente* como o mais utilizado pelos falantes para expressão do sujeito na primeira pessoa do plural.

Além das pesquisas mencionadas, podemos citar o trabalho de Vitório (2016) realizado no Estado de Alagoas, que busca analisar a variação *nós* e *a gente* na fala culta da capital Maceió. A pesquisa foi realizada a partir de uma amostra coletada no ano de 2010, composta

por 24 entrevistas de falantes que possuem o nível superior completo, baseada em duas dimensões de estratificações: a faixa etária e sexo/gênero.

Nesse sentido, a autora discorre que foi obtido “um total de 319 realizações dos pronomes nós e a gente na posição de sujeito na fala culta maceionse, que estão distribuídos da seguinte forma: 65 realizações do pronome nós e 245 realizações do pronome a gente” (p. 5). Com isso, Vitório (2016) ainda explana que, a variante *a gente*, é a forma pronominal selecionada pelos falantes cultos da cidade de Maceió para representar a primeira pessoa do plural.

No que diz respeito ao paralelismo formal, Vitório (2016) discorre que, tanto para o pronome *nós* como para pronome variante *a gente*, a escolha por uma primeira forma pronominal pode condicionar a realização da forma subsequente, ocasionando, assim, repetições da mesma forma pronominal. Isto leva a confirmar as hipóteses levantadas de que a preferência por determinada forma pronominal pode manter influência sobre as outras em uma sequência discursiva.

Com relação ao preenchimento do sujeito, a autora explana que “das 319 ocorrências de *nós* e *a gente* na fala culta maceioense, 266 apresentaram o sujeito preenchido e 53 o sujeito nulo, representando, respectivamente, os percentuais de 83% e 17%” (p. 10). Com isso, ainda aponta que esses dados confirmam o que apresenta os estudos linguísticos, que revelam que tanto o sujeito de referência determinada quanto o de referência indeterminada são comumente realizados foneticamente na variedade do português brasileiro falado.

No que diz respeito à faixa etária, notou-se que os falantes mais jovens apresentam maior predileção à realização da variante inovadora, enquanto os falantes que estão na fase adulta preferem retrair o uso da variante. Percebemos, assim, que, à medida que aumenta a faixa etária, acontece uma redução no que se refere à aplicação do pronome inovador.

Com relação ao sexo/gênero, a autora verificou que a forma inovadora é preferida por ambos os sexos em todas as faixas etárias que foram analisadas. Foi observado também que “entre os falantes da F1 (15-29 anos), os homens apresentam um uso categórico de *a gente*, ao passo que, entre os falantes da F2 (30-44 anos), as mulheres utilizam com mais frequência a variante inovadora” (p. 12). A autora ainda acrescenta que, na faixa etária acima dos 44 anos, foi verificado o mesmo comportamento linguístico para ambos.

A região centro-oeste ficou representada por Goiás, a pesquisa foi realizada em algumas cidades do estado, com um *corpus* de 55 falantes das diversas localidades do estado e abordou dois níveis de escolarização, ambos os sexos e três faixa etárias. No que se refere à faixa etária,

percebemos que os jovens preferem a forma inovadora *a gente*, os adultos se mantêm neutros e quando se refere aos idosos a forma inovadora é desfavorecida.

Com relação ao nível de escolarização, foi observado que os que possuíam somente o ensino médio inclinavam-se a usar a forma inovadora e aqueles que cursaram a universidade a retrair o uso de *a gente*. Para explicar o recorrente uso da variante *a gente* no estado de Goiás, Vianna e Lopes (2015) dizem que o aumento do fluxo de pessoas e os diferentes costumes existentes no país ocasionaram a incorporação da variante *a gente* como prática linguística.

Na região Sul do Brasil, foram estudados três estados. Um deles foi o estado de Santa Catarina, o estudo focou a capital Florianópolis, foram entrevistados 12 informantes, com intuito de analisar a alternância do *nós* e *a gente*. Com isso, observou-se que “a produtividade geral foi de 72% para o uso de *a gente*, contra 28% de “*nós*” (VIANNA; LOPES, 2015, p. 124).

No que diz respeito aos grupos “faixa etária” e “sexo/gênero”, foi percebido que os falantes entre 25 e 49 anos recorriam com maior frequência ao uso do pronome inovador, já os falantes acima de 50 anos empregavam a forma pronominal mais antiga.

Um dos pontos observados é que há uma maior produtividade por parte das mulheres em relação ao uso da variante *a gente*, o que difere dos homens que costumam ser mais conservadores. Seara (2000) elucida que isto pode estar associado ao mercado de trabalho, pois o mercado de trabalho geralmente exige mais formalidade, por isso os homens se monitoram mais e privilegiam a utilização da variante mais formal.

Percebemos, assim, que o processo de substituição de *nós* por *a gente* no português brasileiro se encontra em um estágio avançado no que diz respeito à língua oral, com o pronome inovador sendo mais frequente e condicionado pelos grupos de fatores: paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero e nível de escolarização. É a partir desses estudos que analisamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito entre os falantes não escolarizados do alto sertão de Alagoas.

Aporte teórico-metodológico

Para a descrição e análise dos dados, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos básicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). A Sociolinguística Variacionista é uma área que estuda a língua em seu uso real, dentro das comunidades de fala, voltando-se para um tipo de investigação que relaciona os aspectos linguísticos e sociais. Assim, ela situa-se em um espaço interdisciplinar, entre língua e sociedade, na qual a

preocupação está centralizada nos empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Para a análise dos pronomes *nós* e *a gente*, recorreremos ao banco de dados do projeto *Lusa (A Língua Usada no Sertão Alagoano)*. A amostra do banco de dados do projeto está estratificada de acordo com as variáveis: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Dessa forma, na estratificação da amostra foi levado em consideração os seguintes grupos de fatores: faixa etária (F1 – 18 a 29 anos / F2 – 30 a 44 anos e F3 – acima de 44 anos), sexo/gênero (masculino / feminino), e escolaridade (E0 analfabeto/semianalfabeto / E1 – ensino fundamental / E2 – ensino médio / E3 – ensino superior).

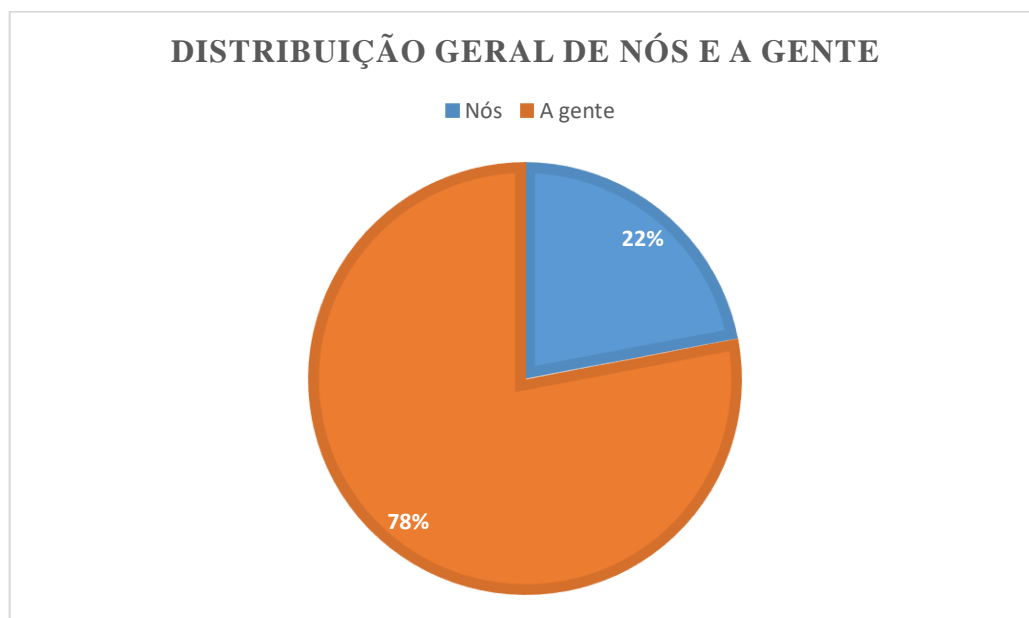
Para a análise estatística dos dados, usamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que produz resultados numéricos acompanhados de pesos relativos, nos quais nos permitem saber quais são os fatores significativos e não significativos para a variável dependente em estudo. Assim, controlamos as seguintes variáveis linguísticas e sociais: Concordância verbal, Preenchimento do sujeito, Paralelismo formal, Sexo/gênero e Faixa etária.

Variável dependente

Partindo do pressuposto de que a variação linguística não é aleatória, mas sim condicionada por restrições de ordem linguísticas e sociais, e que a variável dependente é vista como a maneira de dizer uma mesma coisa de várias formas com o mesmo valor de verdade, elencamos a referência de primeira pessoa do plural na posição de sujeito como variável dependente, analisando a variação entre o pronome *nós* e sua variante *a gente*.

Com relação à variação *nós* e *a gente* na língua usada no sertão alagoano, após a análise e rodada dos dados, alcançamos um total de 73 realizações das formas pronominais *nós* e *a gente*, que se encontram distribuídas da seguinte forma: 16 realizações do pronome *nós* e 57 realizações do pronome *a gente*. Dessa forma, os resultados representam percentuais de 22% de *nós* contra 78% de *a gente*, conforme expomos no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição geral de *nós* e *a gente*



Fonte: elaborado pelas autoras.

A respeito dos resultados obtidos, podemos afirmar que estes dados comungam com os achados de Vianna e Lopes (2015) e Vitório (2016) de que a variante *a gente* é a forma pronominal selecionada pelos falantes para todos os contextos, inclusive pelos falantes cultos em contextos em que a forma pronominal *nós* é quase obrigatória. Nesse sentido, os resultados confirmam as nossas presunções, de que a variante *a gente* seria o pronome mais utilizado pelos falantes, e vão ao encontro dos resultados dos estudos sociolinguísticos, nos quais têm-se o pronome variante *a gente* como o mais utilizado pelos falantes para expressão do sujeito na primeira pessoa do plural.

Com relação aos cinco grupos de fatores controlados nesta pesquisa para as variantes *nós* e *a gente*, dois foram considerados estaticamente significantes pelo programa computacional GoldVarb X, a saber, preenchimento do sujeito e concordância verbal.

Preenchimento do sujeito

O primeiro grupo de fatores estatisticamente significativo na variação *nós* e *a gente* na fala dos informantes não escolarizados do alto sertão foi o preenchimento do sujeito. Esta variável refere-se à expressão nula ou plena do sujeito pronominal. A expressão plena acontece quando o sujeito pronominal *nós* e *a gente* é revelado foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural, já a expressão nula quando os pronomes são representados pela desinência verbal “-mos ou ø”, sem que assim sejam realizadas pelas formas pronominais (LOPES, 1998); (OMENA, 2003).

Em nosso estudo, não só partimos do pressuposto de que a variante na fala dos não escolarizados do alto sertão e a realização fonética do sujeito exibirá um percentual maior de realização, como também consideramos que o fator que se refere à expressão plena irá favorecer a realização da forma pronominal *a gente*, conforme verifica-se nas sequências de falas abaixo:

(15) não- que eu só ia mais trabaiá o dia todo por semana tinha vez que até dia de domingo *nós* trabaiáva – trabaiáva o final de semana lá. L03

(16) quando eu vô:: acontece muitas coisas boni::ta - re::za muitas orações boni:ta – que *a gente* – aceste do pa::dre – muitas pregaçõ:es bonita que ele fa::iz pra gente escu:tar e eu agradeço a Deus. L17

(17) *a gente* sempre: vai pra Delmiro porque né Água Branca e mais difícil até carro – *a gente* tem que pegá dois carro pá: pá Água Branca e pá Delmiro *a gente* vai direto pega o carro e vai direto. L82

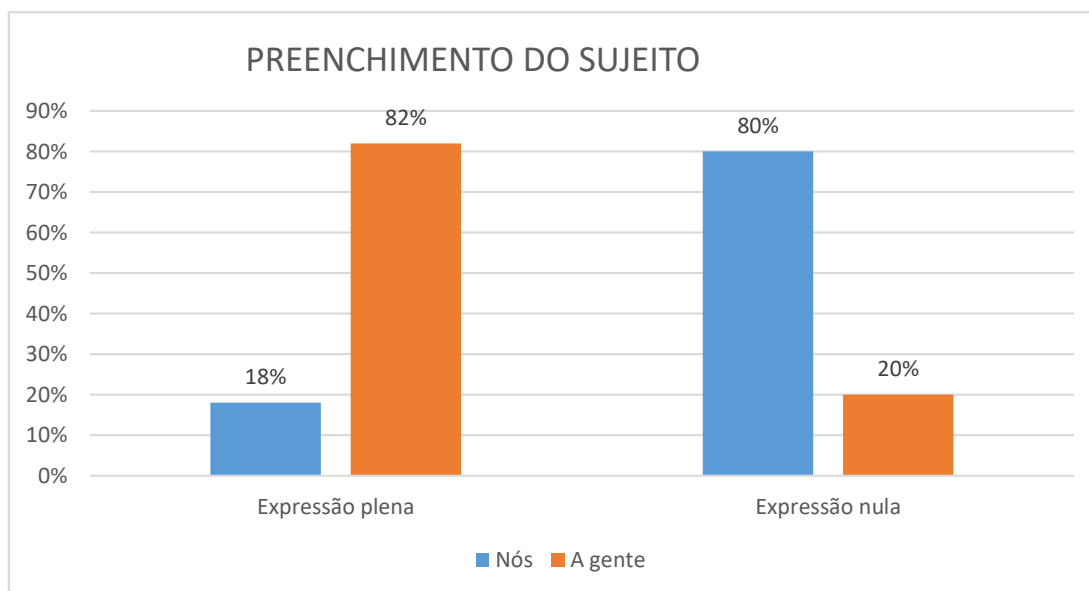
Nos dados apresentados a seguir, observa-se, estatisticamente, a ocorrência de tais pronomes:

Tabela 1 – Realizações de *nós* e *a gente* conforme o preenchimento do sujeito

Preenchimento do Sujeito	Total	NÓS			A GENTE		
		Ocorrências	Porc.	PR	Ocorrências	Porc.	PR
Preenchido	68	12	18%	.45	56	82%	.55
Nulo	5	4	80%	.93	1	20%	.07

Fonte: elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Percentuais *nós* e *a gente* conforme o preenchimento do sujeito



Fonte: elaborado pelas autoras.

Conforme podemos observar, a forma pronominal *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente. Assim, os resultados apresentam um percentual de 82% para expressão plena e 20% para expressão nula. Nesse sentido, os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, comprovando que *a gente* tem maior probabilidade de ocorrer quando foneticamente realizado – .55, enquanto a realização de expressão nula desfavorece seu uso – .07.

No que diz respeito à forma pronominal *nós*, podemos constatar que a forma pronominal é desfavorecida quando realizada foneticamente, apresentando, assim, um percentual de 18% para expressão plena e peso relativo de -.45. Por outro lado, a expressão nula favorece seu uso, apresentando, assim, um percentual de 80% e um peso relativo de -.93.

Com relação às realizações de *nós* e *a gente* na variável significativa preenchimento do sujeito, constatamos que, das 73 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala dos não escolarizados do alto sertão, 68 apresentaram o sujeito preenchido, e 5 o sujeito nulo, apresentando percentuais de 93% e 7%. Dessa forma, os dados obtidos compactuam com estudo linguístico de Vitório (2015), no qual indica que, no português brasileiro, o sujeito pronominal referencial é realizado foneticamente.

Concordância verbal

A segunda variável considerada estatisticamente significativa foi a variável “marca morfêmica”. Esta apresenta-se de acordo com a concordância verbal na qual se estabelece com

as formas pronominais *nós* e *a gente*, a saber, *nós* e *a gente* + morfema zero, como observamos em (18) e (19), e *nós* e *a gente* + morfema- mos, como observamos em (20) e (21).

(18) gosta demais da conta- toda hora ta com um caderno na mão- dizem que que ir pá escola- eu quero ir pá escola eu quero ir pá escola- sempre *nós* ensina pega um lápi dá a ele ele fica riscano lá no papel- e a outra estuda ali nesse grupo ali. L02

(19) vê:: *a gente* – *a gente* liga a televisão e passa é muitas coisa que a gente fica- muito triste de vê mulher- tem hora que *a gente* não tem nem gosta nem gosto de espia – não dá nem vontade da gente olhar- dá até disgosto. L17

(20) ø conhecemo aí xxx os vizinho aí perto aí -- *nós* se conheceu L03

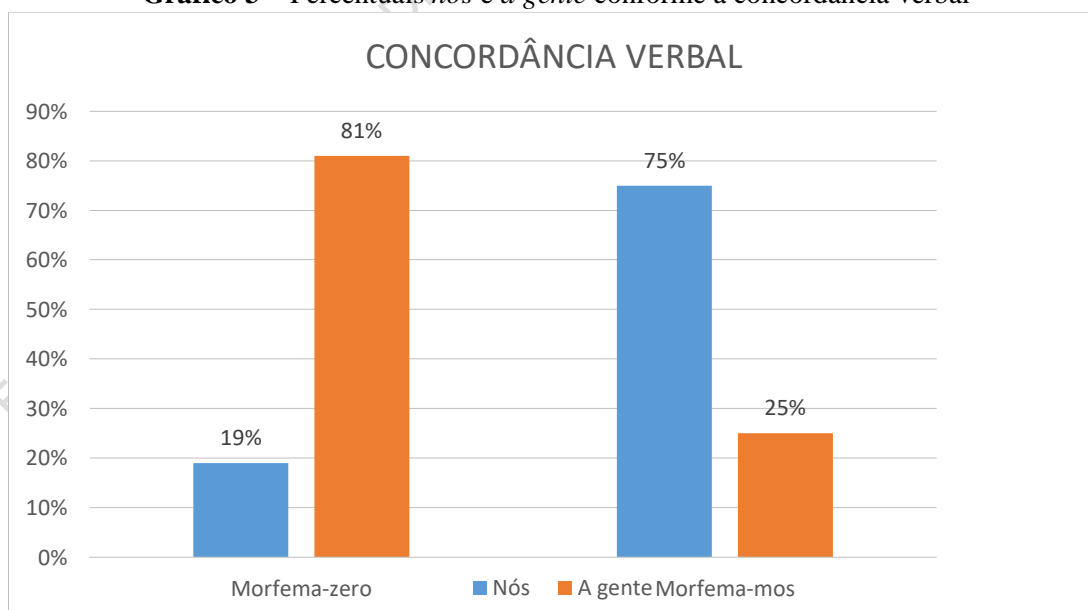
(21) minha opinião é que a violência é demais e num tem nada pa combatê – minha opinião é que – só Deus – justiça nenhuma ta fazendo nada e a violência aumentando – cada dia *a gente* ø tamo com medo – porque a segurança da gente hoje só Deus. L34

Tabela 2 – Realizações de *nós* e *a gente* conforme a concordância verbal

Concordância Verbal	Total	NÓS			A GENTE		
		Ocorrências	Porc.	PR	Ocorrências	Porc.	PR
Morfema-zero	69	13	19%	.46	56	81%	.54
Morfema- mos	4	3	75%	.90	1	25%	.10

Fonte: elaborado pelas autoras.

Gráfico 3 – Percentuais *nós* e *a gente* conforme a concordância verbal



Fonte: elaborado pelas autoras.

Conforme podemos observar, a realização da forma pronominal *nós*, é, normalmente, mais favorecida nos contextos da fala em que o morfema-mos é realizado. Em vista disso, verificou-se um percentual de 75% para a forma pronominal *nós*, e 25% para a forma pronominal *a gente*. Já nos contextos em que o morfema-zero é realizado, há um favorecimento maior da realização da forma pronominal *a gente*. Desse modo, verificou-se um percentual de 81% para a forma pronominal *a gente*, e 19% para a forma pronominal *nós*.

Dessa forma, os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, comprovando que *a gente* tem maior probabilidade de ocorrer quando o morfema-zero é realizado – .54, enquanto que a realização do morfema-mos leva à inibição do seu uso - .10. Já na forma pronominal *nós*, os pesos relativos comprovam que ela é favorecida quando o morfema-mos é realizado - .90, enquanto a realização do morfema-zero provoca uma inibição de seu uso - .46.

Nesse sentido, esse resultado comunga do resultado do estudo de Vitória (2015) confirmando que a marca morfêmica do verbo que acompanha os pronomes *nós* e *a gente* comprova que a combinação da forma pronominal *nós* + verbo na 1ª pessoa do plural e a forma pronominal *a gente* + verbo na 3ª do singular ainda apresenta-se como predominante, mas também mostra a possibilidade de realização da forma pronominal *nós* + verbo na 3ª pessoa do singular. Destarte, confirma-se a tendência de que a concordância verbal de primeira pessoa do plural é variável nas variedades do português brasileiro.

Considerações finais

Em nosso estudo, analisamos a variação do pronome de primeira pessoa *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala dos não escolarizados do alto sertão alagoano. Assim, com base em outros estudos, e por acreditar que a variação linguística é condicionada por fatores linguísticos e sociais, consultamos os pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística (LABOV, 2008), nos quais explanam que a língua e o contexto social estão associados. Assim, o estudo da língua deve estar atrelado ao contexto social.

Para realização deste estudo, utilizamos uma amostra do projeto *Lusa* composta por 24 informantes estratificados de acordo com as variáveis independentes sexo/gênero e faixa etária. Assim, após a análise dos dados, obtivemos 16 realizações do pronome *nós* e 57 realizações da variante *a gente*. Deste modo, obtivemos um total de 73 realizações da variação em estudo, que foram estatisticamente tratadas pelo programa computacional GoldVarb X.

Após a análise estatística dos dados, foi possível constatar que, na fala dos não escolarizados do alto sertão, há a variação *nós* e *a gente*, mas no que se refere à distribuição geral, os resultados apresentaram um percentual de realizações de 22% para o pronome *nós* e

78% de realizações do pronome *a gente*. Os resultados confirmam as presunções de que a variante *a gente* seria o pronome mais utilizado pelos falantes e vão ao encontro dos resultados dos estudos Sociolinguísticos, que mostram o pronome variante *a gente* como o mais utilizado pelos falantes para expressão do sujeito na primeira pessoa do plural.

A partir dos resultados, verificamos que a variação *nós* e *a gente* na fala dos não escolarizados do alto sertão de Alagoas é motivada por grupos de fatores linguísticos e também sociais. Mas constatamos que entre os grupos linguísticos e sociais que foram selecionados para o estudo, somente dois grupos linguísticos foram considerados pelo programa como estaticamente significativos para o estudo, sendo eles, preenchimento do sujeito e concordância verbal. Sendo selecionados como não significativos os grupos de fatores sexo/gênero, faixa etária e paralelismo formal.

No que se refere à primeira variável estaticamente selecionada, a variável preenchimento do sujeito apresentou para a forma pronominal *a gente* um percentual de 82% para expressão plena e 20% para expressão nula. No que diz respeito à forma pronominal *nós*, a variável apresentou um percentual de 18% para expressão plena e para expressão nula um percentual de 80%. Assim, verificamos que *a gente* tem maior probabilidade de ocorrer quando foneticamente realizado, enquanto que na realização de expressão nula, a variável favorece o uso do pronome *nós*.

Com relação à segunda variável selecionada, a concordância verbal, observamos que nos contextos da fala em que o morfema-*mos* foi realizado, a variável apresentou um percentual de 75% para a forma pronominal *nós* e 25% para a forma pronominal *a gente*. No entanto, nos contextos em que o morfema-zero foi realizado, a variável apresentou um percentual de 81% para a forma pronominal *a gente* e 19% para a forma pronominal *nós*.

Dessa forma, observamos que a forma pronominal *nós*, quando o morfema-*mos* é realizado, apresenta uma maior incidência de favorecimento, enquanto a forma pronominal *a gente* costuma ser mais utilizada quando o morfema-zero é realizado. Esses resultados corroboram com o estudo de Vitório (2015), evidenciando que, nas variedades do português brasileiro, é comum encontrar a combinação da forma pronominal *nós* + verbo na 1ª pessoa do plural e a forma pronominal *a gente* + verbo na 3ª do singular.

Em virtude de tudo que foi mencionado, esperamos que o nosso estudo tenha contribuído para entender como acontece esse processo de variação da primeira pessoa do plural na comunidade de fala pesquisada. Outrossim, esperamos que os resultados revelados,

associados a outros, venham a contribuir para outros estudos no campo da Sociolinguística, servindo de auxílio a outras pesquisas referentes ao uso da língua.

Referências

- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, C. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (org.). **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: PAIVA, M.; DUARTE, E. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Revista Signum**. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**: Estudos da língua falada, Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28/29, p.179-194, 2000.
- VIANNA, J.; LOPES, C.. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In*. MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- VITÓRIO, E. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.
- VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. **Revista Letras e Letras**, Uberlândia, v. 31/2, jul/dez, 2015.
- VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de maceió/al. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 159-172, 2016.

THE USE OF THE PRONOUN NOS AND THE VARIANT A GENTE IN THE SUBJECT POSITION AMONG UNSCHOOLED SPEAKERS OF ALTO SERTÃO ALAGOANO

ABSTRACT

This research analyzes the use of the pronoun *us* and the variant *we* in the position of subject among the non-educated speakers of the upper sertão of Alagoas. To this end, we used the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) and the Lusa project database (The Language Used in the Sertão Alagoano) and used the GoldVarb X program for statistical data analysis. According to the results, we obtained a percentage of achievements of 22% for the pronoun and 78% of pronoun achievements, and this variation was conditioned by the variables: completion of the subject and verbal agreement. Thus, the results confirm the presumptions that the variant *we* would be the pronoun most used by the speakers.

Keywords: Sociolinguistics. Pronouns *us* and *us*. variation. variant.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267